

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS/UNEAL  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO/**PROGRAD**  
PROGRAMA DE LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA DE ALAGOAS/**PROLIND**  
CURSO DE LICENCIATURA INDÍGENA DE ALAGOAS/ **CLIND-AL**  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA  
EM HISTÓRIA

JOSIVÂNIA NUNES TANONÉ DA SILVA

**AS LOUCEIRAS KARIRI XOCÓ: CERÂMICA UTILITÁRIA**

PALMEIRA DOS ÍNDIOS-AL  
2015

JOSIVÂNIA NUNES TANONÉ DA SILVA

**AS LOUCEIRAS KARIRI XOCÓ: CERÂMICA UTILITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso/ TCC, em forma de Artigo, apresentado no Curso de Licenciatura Intercultural em Palmeira dos Índios AL, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas/CLIND-AL, vinculado ao Programa de Licenciatura Intercultural Indígena/PROLIND, ofertado pela Universidade Estadual de Alagoas/ UNEAL, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Siloé Soares de Amorim

PALMEIRA DOS ÍNDIOS –AL  
2015

JOSIVÂNIA NUNES TANONÉ DA SILVA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO A UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DE ALAGOAS - UNEAL, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO  
EM HISTÓRIA.

## **AS LOUCEIRAS KARIRI XOCÓ: CERÂMICA UTILITÁRIA**

BANCA EXAMINADORA

---

**Titulação – Nome Completo – Orientador**

---

**Titulação – Nome Completo – Convidado**

---

**Titulação – Nome Completo – Convidado**

Aprovado em : \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

PALMEIRA DOS ÍNDIOS - AL  
2015

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus por ter concedido minha vida. A minha família por acreditar em mim e nos meus ideais. Aos meus avós que me ensinaram a essência da vida com seus saberes ancestrais. A minha mãe e ao meu pai por ter acreditado no meu potencial. A todos que fizeram parte dessa realização em especial meus professores por ensinarem seus saberes.

## LOUCEIRAS KARIRI XOCÓ: CERÂMICA UTILITÁRIA

JOSIVÂNIA NUNES TANONÉ DA SILVA

Siloé Soares de Amorim  
josi\_nunes2006@hotmail.com

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar de forma sucinta o modo pelo qual as louceiras praticavam sua arte milenar há vários anos é resgatar o fazer, o modo e a importância da cerâmica para o povo Kariri Xocó onde as louceiras utilizavam para a subsistência de suas famílias através do barro. O suporte técnico utilizado para a pesquisa do presente artigo foi à internet, o livro **Fulkaxó Ser e Viver Kariri Xocó/ organizado por Ulysses Fernandes Serviço Social do Comércio entrevista** com José Nunes de Oliveira historiador da Aldeia, as Louceiras Izabel, Valdete, Rene, Rosenira, Valdice e Neci. A metodologia que adotei foi pesquisa, entrevista conversa com as louceiras, leitura de doutrinadores como o professor **Luiz Sávio de Almeida** para ter bons resultados para a preservação dessa cultura tão rica e tão esquecidos pelos jovens.

**Palavras-Chave:** Louceiras, Cerâmica, Utilidades.

## **Introdução**

As louceiras kariri xocó retiram da matéria prima à subsistência de suas famílias desde século XVIII até os tempos atuais.

Uma das louceiras que sempre presenciei a fazer esse trabalho foi a minha mãe chamada Maria Marili, índia Kariri Xocó, filha de Antonio e de Benedita também indos Kariri Xocó. Após a morte de sua mãe Benedita, em meados dos anos ( ) ela foi criada pela sua avó chamada de Maria Júlia que ensinou a arte de fazer cerâmica. Ainda pequena aprendeu o ofício de fazer do barro sua arte que foi passada pela sua avó. Ao casar naquela época, a vida era tão difícil que percebeu que sua arte com o barro não só tornaria uma bela arte como também seria seu trabalho a subsistência de sua família. Para criar seus nove filhos, nunca desistiu de lutar mesmo nas condições mais precárias que o tempo oferecia. Além de fazer as louças, Marirli também tinha outros meios de ajudar. Ela fazia um café torrado fresquinhos sem igual, que retirava da sua pequena terra etc. Mulher guerreira que desde pequena ajudava sua família para sua subsistência nunca desistiu de seus sonhos. Hoje com mais de 65 anos, filhos casados com mais de 20 netos, ainda é o referencial para sua família em razão disso não poderia aqui antes de escrever sobre as louceira sem mencionar minha querida mãe que tanto amo e que me ensinou a lidar com as dificuldades sem perder o foco da sabedoria milenar do nosso povo.

A arte da cerâmica utilitária entre essas mulheres é tão antiga que a memória atual não consegue situar. Os utensílios feitos por elas além de armazenar água, cozinhar serviam também como fonte de renda através da venda as comunidades vizinhas. Muitas delas criaram seus filhos através do barro. Naquela época as mulheres passavam as técnicas de mãe para filha, hoje as jovens não querem aprender o ofício do fazer do barro à continuidade das guerreiras mulheres louceiras kariri xoco. Apesar da introdução dos utensílios em alumínio e plástico as louceiras não desistiram de continuar com seu trabalho resistindo ate os dias atuais. Frente a essa luta que elas resistem e persistem na preservação da arte e do fazer do barro a continuação

dos seus trabalhos. As louceiras evitam trabalhar nos dias em que diz respeito a dias santificados. às datas comemorativas que abrange o calendário do nosso ritual. Nessa época elas se resguardam para retornar a seus afazeres cerâmicos.

Segundo dados do artigo do professor Luiz Sávio de Almeida na Aldeia Kariri Xocó existia cerca de 30 mulheres na tarefa da confecção das louças, em meados do ano de 2003, hoje com mais de 12 anos apenas existem seis mulheres, que ainda resistem nesta tradição milenar. Foi pensando por esses dados e por ser filha também de louceira que senti um enorme desejo de resgatar e dar continuidade ao trabalho que tanto deu subsistência a nosso povo.

### **Os afazeres das Louceiras**

As mulheres kariri xoco retiram da terra a matéria prima do que precisam, elas saem por volta de 5h da manhã para a coleta do barro. Caminham por uma longa estrada a procura do barro no barreiro, cantando rojões para amenizar os trabalhos árduos. Além disso, elas coletam as ervas medicinais para fazer chás para suas famílias. Elas identificam a qualidade do barro através de sua cor como: vermelho, amarelo, preto e o marrom para a confecção de potes, panelas, moringas, frigideira e purrão cada um com uma função diferente.

**Figura1: Barreiro na ribanceira**



**Fotografia: José Nunes de Oliveira, 2013 ‘Buraco do barreiro’ na ribanceira**

O local onde as louceiras retiram o barro é próximo da lagoa. Ao retirar o barro da terra formam – se um círculo enorme com orifício largo. Diante desse fato os homens cobrem, ou própria Natureza se encarrega de unificar o barro dando origem a outros barreiros.

Segundo Valdete, o barro para pote é recolhido na ribanceira, lugar, portanto, distante da margem da lagoa. É lá onde se cava o buraco e vai aparecendo o barro de cima, barro sem serventia, pois não levanta o pote: ele vai sendo depositado em torno do buraco, formando a borda. O que vai ser retirado é o barro de baixo: esse barro é o próprio para pote. Alguns entendem a divisão por cores. (ALMEIDA, 2003; (ESTUDOS AVANÇADOS, 2003).

Diante da observação do professor Sávio apesar das louceiras não saberem identificar os barros cientificamente, elas através dos saberes e fazeres cerâmicos identifica que cada tipo de barro pela sua cor e pela utilidade no processo das peças sabe perfeitamente os quais serão bons para a sua produção.

Ao retirar o barro do barreiro às ceramistas kariri xocó colocam no balaio para levar as suas residências.

**Figura 2: Balaio de barro**



**Fotografia: José Nunes de Oliveira, 2013 “ Balaio de barro” para carregamento ate as residências.**

As mulheres Kariri Xocó utilizam o balaio ( espécie de cesto feito com o cipó) para carregar o barro a suas residências. O Barro pode ser levado tanto no balaio quanto em baldes para facilitar no carregamento dos mesmos. Participam dessa tarefa também crianças, adolescentes e as mulheres, assim o mutirão de trabalho reúne todos envolvendo cantorias e versos criados por elas.



**Figura 2: Barro quebrado**



**Fotografia: José Nunes de Oliveira, 2013 “ Barro quebradiço” para o preparo da massa.**

Chegando a suas residências as mulheres colocam o barro no terreiro quebrando – o em pequenos pedaços para facilitar a molha e deixando de molho durante uma noite. De manhã o barro é retirado do molho pronto para ser amassado com areia e cinzas.

**Figura 3: Barro amassado**



**Fotografia: José Nunes de Oliveira, 2013 “ Montanha de barro” para a confecção das louças**

O barro é processado de forma minuciosa e concentrado para formar essa montanha de barro para a confecção das louças. A unificação da argila é tão próximo do saber ancestral quanto o saber milenar das ceramistas.

**Figura 4: Instrumentos de Trabalho**



**Fotografia: José Nunes de Oliveira, 2013 Instrumentos de trabalho das Louceiras**

Os instrumentos utilizados para a confecção das louças são: Paeta, mucunã, sabugo de milho, tecido de algodão, capiador de ferro etc...

### **1º Processo**

As louceiras retiram uma parte do barro girando - os em suas mãos para dar uma forma circular. A partir desse processo elas fazem as panelas, potes e purrões. Nesse sentido cada processo tem seu significado através dos instrumentos de trabalho.

### **2º Processo**

Após uma parte das cerâmicas já estarem prontas elas colocam para secar por cerca de 10 minutos, enquanto isso inicia a confecção de outra louça, assim sucessivamente. Após os 10 minutos é hora de colocar a boca das peças, adicionando mais uma pequena parte do barro a depender de cada peça. Embojar ou frojar para as louceiras kariri Xocó significa colocar a boca dos potes ou panelas. Elas são tão felizes na arte de fabricação que suas alegrias contagiam as pessoas em sua volta. Elas utilizam a paeta para esse processo do embojamento.

**Figura 5: Embojando a panela**



**Fotografia: Maiara Damasceno, 2014 “Oficina de cerâmica” para as crianças da Aldeia**

### 3º Processo

No processo de rapar, as louças são rapadas com o rapador de ferro pelo fundo, para não ficar nem grosso nem tampouco fino, este é um processo muito delicado, pois é aqui que as louças podem ficar ruins e não servir.

No processo do alisamento sincronizado há vários movimentos, elas utilizam o olho de boi, ou seja, a semente da mucunã para alisar os potes. Porém para as panelas ficarem perfeitas, usa-se o sabugo de milho para deixar as laterais crespas, para que o processo da queima fique firme, para que não haja perda de muitas peças. Depois de finalizado o processo de secagem das louças elas também utilizam o tauá uma espécie de argila também retirado da terra, que dão cor aos potes e panelas, assim elas marcam suas peças. Além dos instrumentos já mencionados o coité faz parte do processo da confecção das louças.

O processo desse trabalho embala uma orquestra sonora envolvendo os sons dos movimentos do barro com as mãos. Os trabalhos apesar de serem tão delicadas na finalização dos detalhes, as louceiras se atenta passo a passo sem deixar nenhum erro na confecção das Louças. Apesar das dificuldades entre as mulheres kariri xocó nunca desistiram de lutar nem tampouco de continuar com sua tradição. A panela de beijo assim chamada por elas é uma panela que serve para o cozimento de carne por ela ser uma panela que contém quatro pontas nas laterais.

**Figura 6: Confecção da panela de beijo ou de bico**



Fonte Edições SESC SP- Fotografia: Alexandre Joaquim Nunes, 2013 “Confecção das peças” na casa de dona Rene.

O processo do purrão é tão difícil que hoje apenas uma senhora chamada Neci faz essa arte na aldeia, porém com sua saúde física ameaçada ela não disponibiliza de esforços para fazer o purrão por ele ter um processo tão enorme e pesado, pois tanto o purrão como os potes e as panelas tem vários processos e preparos que a deixa impossibilitada de continuar com seu trabalho.

**Figura7: Processo da queima, no forno de Maria Baioca**



**Fonte Edições SESC SP- Fotografia: Alexandre Joaquim Nunes, 2013 “ Confecção do Purrão” para queima.**

Agente senta no chão – aqui é o assento e aqui a ruma de barro a meu lado – e aí a gente vai e tira o barro aqui e joga na mão e bate ele; na perna, com as mãos vai modelando e aí bota aqui de novo, em frente à mão e aí vai modelando. Quando cresce um pouco, a gente senta aqui no assento; aqui ela vai rodando e a gente puxando.

Sobre esse processo, acrescenta Naci Nunes:

Frojar é um bolo. Ele é comprido. Aí vai, pego o bolo de barro, aí bota no assento. Aí, vai levantado com a mão. Aí nos pegamos a paêta e aí passa no fundo do pote. Aí, pega o bolo do barro e vai batendo; isso aqui a gente faz pote de todo tipo. Vai batendo o bolo de barro ou frojando até formar o pote. Aqui a gente bota no assento, aí nos puxamos assim e vamo tirando assim e fica grande. Aí passa a paiêta no fundo, pára puxar e ficar igual ao assento. Vai puxando ao redor dele; aí a gente vai de novo puxando com a paêta do fundo pra cima. Aí pega outra torcida de barro e bota aqui para ele ficar grande. O purrão, eu faço o bolo maior. Aí a gente vai botando tira, botando tira, fica desse tamanho. (ALMEIDA, 2003; (ESTUDOS AVANCADOS, 2003).

A consideração de Almeida (2003) é viável para percebermos os processos dos trabalhos do cotidiano das louceiras. No depoimento de Neci Nunes podemos perceber não só como se dá esse processo como também a forma como ela lida com o barro e a posição para a confecção da peça chamada de purrão, posteriormente causando futuras dores musculares em seu corpo. Além disso, Neci utiliza uma linguagem popular a sua época para expressar o manejo do trabalho.

#### 4º Processo

No processo da queima, mulheres, homens e crianças ajudam no carregamento das peças ao forno. Esse processo requer muita dedicação das pessoas envolvidas, pois cada descontração pode perder várias peças de barro. A queima das louças entre elas são tão importantes quanto sua confecção por que elas trabalham unidas para tudo sair perfeito. A forma como elas identificam suas peças é através da marcação da tinta tauá, assim a identificação fica mais visível. Porém os homens carregam carroçadas de lenhas, e ajudam no momento da queima controlando o fogo em alta e baixa temperatura. O trabalho com o forno para as mulheres não é bom para sua saúde por que elas ficam expostas a altas temperaturas, futuramente causando problemas hormonais dentre outras. Através da entrevista percebi que elas hoje não têm saúde devida por terem trabalhado durante muito tempo, e se dedicado as cerâmicas por falta de oportunidade de irem à escola, pois tinham que trabalhar muito cedo para ajudar na subsistência da família. Entretanto diante das observações percebi também que elas se queixam dos órgãos os quais trata dos direitos indígenas. Em consonância, os órgãos não deram na época subsídios a projetos de sustentabilidade na arte cerâmica do povo Kariri Xocó, nem tampouco eram contemplados por vários motivos, um deles o preconceito. Em meados de décadas os povos do nordeste aos dias atuais são discriminados por não mais apresentar o biótipo que a sociedade Brasileira rotula. Com isso muitos povos tiveram que sobreviver de várias maneiras. Mas o propósito desse artigo não é apenas resgatar os trabalhos das louceiras como também a partir dele ajudar através de projetos que dê continuidade ao trabalho não só da minha mãe como também das louceiras que já partiram dessa terra e das que ainda permanecem.

Um dos problemas que Valdice destaca:

“No inverno não há condições para fazer os utensílios por que o barro chora isso significa dizer que o barro pode rachar na hora da queima, com isso a produção em baixa”.

A mulher interfere na queima com seu trabalho, realizando pequenas tarefas, mas o controle é masculino. Somente conseguimos identificar um caso onde ela é operada por uma mulher, possivelmente, representando indícios de mudanças que estaria sendo processada no âmbito da produção. Desse modo, praticamente todo o circuito da produção fica entregue a mulher Kariri Xoco (ALMEIDA, 2003; (ESTUDOS AVANÇADOS, 2003).

A consideração de ALMEIDA (2003) mostra que os processos da queima das louças são obrigatoriamente dos homens apesar de uma mulher se dispor a esse trabalho. A importância em perceber que as mulheres apesar do trabalho elas ainda se pré - dispõe para ajudar os homens nas tarefas que muitas vezes não são bons para elas.



**Figura1: Processo da queima, no forno de Maria**



Fonte Edições SESC SP- Fotografia: Alexandre Joaquim Nunes, 2013 “ Queima das Louças” para venda na cidade.

### **As Louceiras Kariri Xocó e a Sustentabilidade**

Nota - se que ao longo do tempo a cerâmica nasceu junto à comunidade dando subsídios mediante os afazeres dos mais velhos no ritual chamado ouricuri. Durante muito tempo as louceiras fabricavam as peças para a venda das mesmas para armazenar alimentos para serem consumidos no período do ritual que é praticado no mês de Janeiro e a cada quinzena. Muitas delas conseguiam os alimentos que precisava compartilhado com o povo da comunidade.

O povo Kariri Xoco por um longo tempo no século XVIII além de confeccionar as louças para uso doméstico também utilizava os potes para enterrar os mortos.

Na comunidade, para todo o processo de trabalho há cantos e danças, seja na plantação do milho, feijão, mandioca etc seja na colheita, ou em todos os momentos e acontecimentos da tradição. Um dos tipos de rojões que as mulheres louceiras cantavam, eram aqueles que envolviam os rojões que tinham versos sobre namorados. Como elas eram disciplinadas a não brigar por causa de namorados, elas tiravam versos para avisar as outras mulheres que elas estavam interessadas naquele índio.

Durante os períodos de crise foi neste trabalho que as mães de famílias retiravam suas subsistências econômicas, trocando as peças por alimentos nas proximidades do interior dos povoados chamado de Salomezinho, Pão de Açúcar, dentre outros. Outras vezes vendiam nas cidades circunvizinhas como Porto Real Do Colégio ou a cambistas que vinha dessas redondezas. Porém com o passar do tempo, houve várias mudanças principalmente no comércio. Muitas louceiras morreram, outras aposentaram, e as que ainda restam expressam que irão

morrer e não tem quem continuar, pois as filhas das louceiras não querem dar continuidade por ser um trabalho que requer muita resistência e também por que as próprias louceiras não querem trabalhar, pois orienta que o estudo é importante para nossa cultura também além do trabalho cerâmico.

Estamos preocupados com nossa cultura, as mulheres que trabalham na cerâmica, estão ficando velhas, as jovens não querem seguir esta arte tão importante para os Kariri-Xocó. Como vai ficar sem a cerâmica na tribo, os indígenas estão comprando geladeiras, estão esquecendo nossos vasilhames da argila da terra, uma tradição passada de geração em geração, devemos incentivar mais nossa cultura para a continuidade da Arte Cerâmica Kariri-Xocó. (NHENETY JOSE NUNES DE OLIVEIRA, 2000)

A consideração de (OLIVEIRA, 2000) apresenta que a importância da cerâmica para o povo Kariri Xocó nos mostra que não existe cultura sem tradição, sem ritos, sem doutrina que dê sustentabilidade aquele povo. Nota – se que a preocupação dele sobre o não exercício do trabalho cerâmico, a cultura poderá morrer aos pouquinhos. Como sustentar algo tão importante para o povo se não há incentivo algum, tanto da parte dos órgãos administrativos como também da parte das famílias que ainda prevalece com a cultura da cerâmica utilitária e da comunidade que não há interesse algum sobre a mesma por ser um trabalho de esforços.

**Figura 1: Venda das louças, na cidade de Sampaio**



**Fonte Edições SESC SP- Fotografia: Alexandre Joaquim Nunes, 2013 “Venda das Louças”**

Em meio a tantos processos do fazer da confecção das louças um trabalho de subsistência da família, as mulheres louceiras kariri xocó ainda carregam em si a coragem de vender as peças na cidade a pé carregando - as na cabeça nos braços e onde poder colocar. Carregam também o desejo de vender todas para garantir o sustento da família.

As Louceiras além de fazer esse trabalho, elas carregam também à coragem de lutar para que não morra esse fazer ancestral milenar passado de geração á geração. Apesar das dificuldades elas ensinam para as crianças o saber fazer cerâmico na escola, nas suas residências e em espaços culturais da aldeia, mas hoje encontra – se ameaçado de não continuar com essa atividade pelo fato de as jovens não se interessarem mais por conta da tecnologia. Vale ressaltar que para manter esse trabalho é preciso a participação de todos que, porém não há interesse por ser um trabalho árduo que depende de vários processos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres Kariri Xocó trazem uma essência de cuidar, de se doar e de gerar a vida, mas com o passar dos tempos essa essência são transformadas pelo universo lutador feminino. As mulheres modernas não indígenas seguem um universo sagrado feminino, onde perpetua em um encontro do passado, dos tempos atuais, buscando objetivos inerentes a sua cultura. Despertar a consciência feminina é cultivar e alimentar a energia, compartilhado com outras mulheres Kariri Xocó preparado em atividades do seu dia a dia, que contribua para o desenvolvimento da cultura feminina enquanto fenômeno organizacional do meio a tantas experiências.

O ventre das mulheres kariri xocó traz em si um ciclo sagrado sadio onde elas buscam trazer para o universo um ser consciente de atitudes espirituais, educacionais dentro dos parâmetros culturais. Frente a esse processo as louceiras kariri xocó nunca desistiram de suas lutas. São elas que dão sustentabilidade ao sagrado feminino enquanto detentoras dos saberes ancestrais enquanto dupla inserção da cerâmica, segredo e produção na construção do cotidiano justificada nos costumes que se estabelece dentre dos parâmetros culturais do ouricuri. Segundo a “citação de Maria Izabel Pires de Almeida (Toda vida me sustentei de barro, criei meus filhos também foi do barro, e ainda tô no barro”). Mostra que apesar das dificuldades não só Maria Izabel como também as outras Louceiras foram elas que sustentaram até os tempos atuais a continuação do fazer utilitário das cerâmicas kariri xocó.



## **REREFENCIAL**

FERNANDES, Ulisses. FULKAXÓ: Ser e Viver Kariri Xocó – São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

**SÁVIO DE ALMEIDA, LUIZ.** As ceramistas indígenas do São Francisco – São Paulo: Estudos Avançados, 2003

**LORENZI, Harrii.** Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil. Árvores Brasileiras. 3ª Edição, 2015.

**OLIVEIRA, José Nunes.** THYDEWÁ, **Índios na Visão dos Índios Memória.** Salvador: Editor Sebastian Gerlic. Salvador Bahia. 2012.